

A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: ESPAÇO PARA APROXIMAÇÕES

10

BLACK-BRAZILIAN LITERATURE: SPACE FOR APPROXIMATIONS

Geilson Batista Matias¹
Astrogildo Fernandes Silva Júnior²

Resumo

Este texto apresenta uma discussão das características da categoria negro-brasileira, estudada por Cuti (2010), pseudônimo de Luiz Silva e o desenho metodológico envolve a análise bibliográfica e documental, ancorada na abordagem da pesquisa qualitativa de base interpretativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994; FLICK, 2009; CELLARD, 2008 posto que ainda se trata de um conceito em construção e, por isso, necessita de uma contextualização e problematização. A Literatura Negro-Brasileira retrata essa realidade e busca aproximar a nossa sociedade desses discursos ou ideologias que estão por trás de ambas, escritas, remetendo-se, prioritariamente, para a forma pela qual a sociedade brasileira se vê e é vista, sobretudo no que diz respeito aos problemas sociais.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais. Formação docente. Literatura negro-brasileira.

Abstract

This text presents a discussion of the characteristics of the black-Brazilian category, studied by Cuti (2010), pseudonym of Luiz Silva and the methodological design involves bibliographic and documental analysis, anchored in the approach of qualitative research with an interpretative basis (BOGDAN; BIKLEN, 1994 ; FLICK, 2009; CELLARD, 2008 since it is still a concept under construction and, therefore, needs to be contextualized and problematized. Black-Brazilian Literature portrays this reality and seeks to bring our society closer to these discourses or ideologies that are behind both, written, referring primarily to the way in which Brazilian society sees itself and is seen, especially with regard to social problems.

Keywords: Ethnic-racial relations. Teacher training. Black-Brazilian Literature.

Introdução

Este texto propõe uma discussão das características da categoria negro-brasileira, posto que ainda se trata de um conceito em construção

¹ Professor de Ensino Superior do Curso de Licenciatura em PEDAGOGIA EAD na FATRA/UBERLÂNDIA/MG. Mestrado em Educação - Uniube - Universidade de Uberaba. E-mail: geilsonmatias@gmail.com <https://orcid.org/0000-0003-2746-8888>

² Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Doutor em Educação. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU) E-mail: silvajunior_af@yahoo.com.br ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8983-4471>

e, por isso, necessita de uma contextualização e problematização. Para Neuza Santos Souza (1983), ser negro é tomar consciência do processo ideológico:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 1983, p.77)

A consolidação da Literatura Negro-Brasileira ocorreu juntamente com construção de nossa identidade, como nação, nas diferentes fases da História de nosso País, desde a sua colonização. Fruto de um produto da expansão marítima sob as bandeiras de crescimento econômico e poder, da utilização da mão de obra dos escravizados, frutos de um comércio perverso dos povos de um continente africano brutalmente invadido e destroçado por tais interesses.

Assim, essa literatura surge como asas, capazes de nos transportar para lugares jamais imaginados, utilizados pelos poetas e escritores de todas essas épocas da História em tantos momentos, seja para reivindicar o direito sublime à liberdade seja viver com dignidade.

Fundamentação Teórica – Desenvolvimento

A Literatura negro-Brasileira e a sua Escrita

A literatura foi utilizada no combate ao regime escravocrata, dos tais senhores de escravos surgiram grandes nomes, como: Luiz Gonzaga Pinto da Gama (Luís Gama – 1830-1882), foi um rábula, orador, jornalista, escritor brasileiro e o Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil, filho de mãe negra livre e pai branco, foi, contudo, feito escravo aos dez anos, e permaneceu analfabeto até os dezessete anos de idade.

Outro nome que se destaca é o de Maria Firmina dos Reis (1822-1917), em 1859, publicou o romance “Úrsula”³ considerado o primeiro

³ Úrsula é um romance da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, publicado em 1859. É considerado o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil. Foi publicado com o pseudônimo “uma maranhense”. O romance foi ter segunda edição, essa facsimilar, apenas em 1975, graças à organização de Horácio de Almeida. Úrsula é considerado um romance precursor da temática abolicionista na literatura brasileira, pois é anterior à poesia de Castro Alves e ao “As vítimas-algozes”

romance de uma autora do Brasil. Em 1887, publicou na Revista Maranhense o conto “A Escrava”, no qual descreve uma participante ativa da causa abolicionista. Maria Firmina apresenta o negro em sua dimensão humana e confere a ele uma posição de sujeito de discurso, o que pode revelar uma íntima identificação com o negro escravizado.

Para Conceição Evaristo (2007, p. 7) “[...] a literatura, (como é) um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, torna-se um lócus propício para enunciação ou para apagamento das identidades”.

A pesquisadora, mulher negra, Chimamanda Ngozi Adichie em “O perigo da História única” (2009)⁴, defende:

Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida (Adichie, 2009)

E, enfatiza, o seu pensamento: “Quando rejeitamos a História única, quando nós percebemos de que nunca há uma História única sobre nenhum lugar, reconquistamos uma espécie de paraíso” (Adichie, 2009).⁵

Quando a História é contada por seu próprio povo e seus descendentes, temos a oportunidade de conhecer narrativas, contidas na identidade cultural. Diferente da História manipulada e organizada aos longos dos tempos, de forma tendenciosa pelos autores, hegemonicamente brancos e colonialistas, para manter até dos dias atuais o conceito atribuído aos negros e seus descendentes como raça inferior, subalterna e incapaz intelectualmente, para, com isso, garantir uma superioridade de raça e manter a desigualdade existente até os dias atuais.

Surge a necessidade de os escritores negros e seus descendentes se unirem, organizarem movimentos sociais e, por meio dessas comunidades organizadas para a luta e para a resistência, contra todo tipo imagem distorcida criada pela manipulação da Literatura, em desfavor dos negros brasileiros e sua História. Por meio da luta não só reivindica o seu espaço, mas também, a sua História e a sua Literatura Negro-Brasileira, escrita genuinamente com verdade por negros brasileiros e por seus descendentes nascidos nessa terra sua nação.

de Joaquim Manoel de Macedo.

4 Chimamanda Ngozi Adichie: O perigo de uma única história | TED Talk

5 Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt da Chimamanda. Acesso: janeiro/2024

A literatura se consolidou por literatos, possibilitou a construção de uma identidade étnica e tornou o negro sujeito do discurso nessas obras, impulsionou os movimentos sociais em favor da causa negra e difundiu no cenário político a sua importância e representação; interrompeu um ciclo dominante de uma Literatura eurocentrista, que colocou os negros e seus descendentes à margem da cultura e da sociedade. Tantos foram os danos dessa literatura excludente que ampliaram o preconceito e a discriminação que perdura no imaginário da sociedade brasileira ao ponto de impedir a aceitação da diversidade étnica e cultural frutos de herança africana.

Ao longo da História da literatura negro-brasileira, destacamos alguns momentos que como obras que nos ajudassem a sair do imaginário e fundamentado por escritores brancos e colonialistas. Obras essas, que possuem um grande peso e significado

literário, mas estimulava e a colocava numa posição de subalternidade, tais como:

“A cruz e a estrada” - 1876 (Castro Alves), que retrata a submissão servil, vítima de um sistema desumano, em que só a morte podia interessar.

“Mãe Maria” – 1904 (Olavo Bilac), retrata o escravo fiel e passivo e Maria quase feliz.

“A menina do narizinho arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)” (Monteiro Lobato), Tia Nastácia - desqualificada na fala de outros personagens por seus traços negros e sua cultura.

Na Semana de Arte Moderna, nas primeiras décadas do século XX, houve um movimento (modernismo), de valorização das raízes negras e de sua cultura em nosso País. Abandonou a “perfeição” como caráter estético do século XIX e promoveu uma explosão de ideias, e novas expressões durante sete dias na cidade de São Paulo. O movimento influenciou o reconhecimento da importância do negro em nossa História e o valor de suas obras, inclusive na literatura de autores como: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet.

Reportar a importância dos artistas negros e sua participação nesse movimento modernista e os que foram seduzidos por essa escola é também pensar sobre a luta desses movimentos organizados de escritores na promoção de nossa Literatura Negro-brasileira, resgatando o direito e o reconhecimento da qualidade de suas obras. E assim, fica explícita a contribuição do Modernismo e a caracterização na relação com a

africanidade de cada artista e a reflexão sobre ser negro, afirma Kabengele Munanga (2000):

Não há como fazer essa operação sem situar a chamada arte afro-brasileira no contexto histórico no qual surgiu, ou seja, sem considerá-la em função de uma época e de uma História como marca de uma sociedade que foi arrancada de suas raízes. Como escreveu Roger Bastide, o problema que se coloca em primeiro lugar é o de compreender como tantos elementos culturais africanos puderam resistir ao rolo compressor do regime servil. Para que os elementos culturais africanos pudessem sobreviver à condição de despersonalização de seus portadores pela escravidão, eles deveriam ter, a priori, valores mais profundos. A esses valores primários vistos como continuidade foram acrescidos novos valores que emergiram do novo ambiente. (Munanga, 2000, p. 99).

Cuti (2010) corrobora a importância da Semana de Arte Moderna, para a produção genuinamente negro-brasileira, quando afirma:

Já na segunda década do século XX, o Modernismo retoma veementemente as ideias de se caracterizar uma nacionalidade literária, buscando na população pobre e nos índios a sua inspiração. Mas desses segmentos sociais quer tão somente as manifestações folclóricas, não seus conflitos. Assim, encontra motivos para experimentações de linguagem restabelecimento de mitos, superstições, danças, músicas e religiosidade (Cuti, 2010, p. 18).

Este legado foi transmitido aos autores contemporâneos que continuam a lutar e a resistir pela ocupação do espaço que é seu de direito, tendo o negro e seus descendentes como protagonistas nas narrativas de suas obras. A Literatura passou oficialmente a ser um espaço de estudo da História e da cultura afro-brasileira e indígena. Dessa forma, tal pesquisa justifica o estudo da temática na formação de professores. E por mais que a História oficial tivesse tentado apagar a História de genocídio negro, evidenciando-o como um povo sem História e sem memória, a literatura mostra que, mesmo à revelia do discurso hegemônico, houve e há um querer coletivo negro de autores que utilizam a escrita como resistência, para reivindicar direitos, denunciar o preconceito e tornarem-se sujeitos protagonistas de suas próprias histórias.

Na década de 1960, veem-se os primeiros indícios de uma literatura dita negra, na pessoa de Carolina Maria de Jesus ⁶ (1914-1977) que

6 Carolina Maria de Jesus (Sacramento, 14 de março de 1914 — São Paulo, 13 de fevereiro de 1977) foi

escreveu “Quarto de despejo” (1960); uma obra de cunho sociológico que, por intermédio de uma voz negra-feminina, denuncia a situação sociopolítica de pobreza vivida pelas pessoas que, como essa autora, encontravam-se à margem da sociedade.

Como a mineira Carolina Maria de Jesus, os poetas⁷ Lino Guedes (1897-1951), Eduardo de Oliveira (1926-2012), Oswaldo de Camargo (1936), Solano Trindade (1908-1974), os quais, em sua poesia, não negaram a sua etnicidade, fazendo um retorno à África, como a busca por uma identidade. Dessa forma, os escritores que se afirmam negros utilizam o próprio preconceito sofrido (racial, social, cultural) como matéria para as suas narrativas e como forma de resistência, a fim de ocupar um lugar de fala que antes lhes fora negado. Segundo Cuti (2010) “Não há cordão umbilical entre a literatura negro-brasileira e a literatura africana (de qual País?” (Cuti, 2010, p. 44).

Para Cuti⁸ (2010), a quebra desse laço com o termo Literatura Africana não implica o reconhecimento de nossas origens, mas torna-se importante na promoção de nossa identidade genuinamente brasileira, com os autores nascidos no Brasil, onde em suas obras serão sujeitos de seus discursos.

Desse modo, refletir sobre os reconhecimentos dessa Literatura voltada para a Educação das Relações Étnico-Raciais que, como um instrumento de transformação social e política é indispensável na Educação brasileira, em especial, na formação docente para a Educação Básica. E contribuirá para o fortalecimento de novas práticas, para a formação de profissionais da Educação com a responsabilidade de transformar a sociedade em que vivemos, com valores fundamentados na igualdade e no respeito à diversidade étnica e cultural, capazes de contribuir para promover uma nação democrática, justa, inclusiva. A ausência do protagonismo do negro, em assumir ser sujeito de seu discurso, na sociedade em que vive, aumenta barreiras de diversas ordens, faz proliferar a hipocrisia do discurso

uma escritora brasileira, conhecida por seu livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” publicado em 1960. Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do País. A autora viveu boa parte de sua vida na favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, sustentando a si mesma e a seus três filhos como catadora de papéis. Em 1958, tem seu diário publicado sob o nome Quarto de Despejo, com auxílio do jornalista Audálio Dantas. O livro fez um enorme sucesso e chegou a ser traduzido para quatorze línguas. Disponível em: https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/. Acesso em 03 de maio de 2023.

7 Progresso, 31 de maio de 1931, p. 1. Nas comemorações da Abolição da escravidão daquele ano, a emissora de rádio Educadora Paulista organizou um programa especial sobre o assunto. Convidado, Lino Guedes, além de ter declamado versos de sua autoria, fez o discurso inicial do programa e questionou o decreto que aboliu o feriado de 13 de maio. Diário de São Paulo, 13 de maio de 1931, p. 5.F

8 Luiz Silva formou-se em 1980 em Letras (Port-Frac) pela Universidade de São Paulo. É mestre em Teoria da Literatura e Doutor em Literatura Brasileira pelo Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP (1999-2005). Além disso, fundou, juntamente com outros colegas, o Quilombohoje-Literatura (1983-1994) e foi, também, um dos criadores e mantenedores da série Cadernos Negros, de 1978 a 1993.

dominante, predominantemente racista. Para a ensaísta Maria Nazareth Soares Fonseca:

Assumir-se negro numa sociedade cujos referenciais de beleza passam pelos traços europeus, que também nela se mostram, é uma atitude de enfrentamento quase sempre diagnosticada como decorrente de rancor que não tem motivo para existir. Em vez de lidar com as formas discriminatórias que produz, o senso comum descarta a questão porque acredita que vivemos numa sociedade que não tem preconceitos. O mito da democracia racial continua a perpetuar entre nós (Fonseca, 2011, p. 13).

A essa luta e resistência por meio da literatura negro-brasileira, como um instrumento de poder e convencimento, juntam-se os nomes de escritoras da nova geração, mulheres que despontam no cenário nacional e no internacional. Essa literatura negro-brasileira, assim como a de origem asiática e indígena, é menos valorizada pelo leitor, sendo pouco visitadas, mesmo assim algumas delas conseguem surpreender e romper estes obstáculos, pois esse espaço para autores e autoras negros ainda não foi, de fato, ocupado nas grandes editoras ou, quando conseguem, têm poucas obras traduzidas e publicadas.

Relevante destacar obras e nomes, como:

“Escritos de uma vida”, de Sueli Carneiro, com prefácio de Conceição Evaristo e apresentação de Djamila Ribeiro. Esse livro reúne uma série de artigos publicados pela filósofa, ativista e fundadora do Geledés — Instituto da Mulher Negra ao longo de sua vida.

“Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo, uma das escritoras brasileiras mais importantes, cujo reconhecimento fez com que o público iniciasse uma campanha para que ela fosse aceita na Academia Brasileira de Letras. Recebeu o Prêmio Jabuti de 2015, por “Olhos d’água” e chegou a declarar que alguns autores brasileiros só passaram a falar com ela após essa premiação. “Foi preciso o prêmio Jabuti para comprovar que essa mulher negra não está neste espaço literário por intromissão. É porque ela escreve mesmo”.⁹

“Quando me descobri negra”, de Bianca Santana, nas palavras de Djamila Ribeiro:

“Quando me descobri negra” fala com sutileza e firmeza de um processo de descoberta, inicialmente doloroso e depois

⁹ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/30-livros-para-ler-mais-escritoras-negras-em-2019/>. Acesso em jun./2023.

libertador. Bianca Santana, através da experiência de si, consegue desvelar um processo contínuo de rompimento com a intolerância e a hostilidade sobre a negritude, e busca a desconstrução da subalternidade colocados à força que impedem um olhar positivo sobre si” (Ribeiro, 2015).

“Quem tem medo do feminismo negro?” de Djamila Ribeiro, reúne um longo ensaio autobiográfico inédito e uma seleção de artigos publicados no blog da revista Carta Capital, entre 2014 e 2017. No texto de abertura, a filósofa e militante recupera memórias de seus anos de infância e adolescência para discutir o que chama de “silenciamento”, processo de apagamento da personalidade por que passou e que é um dos muitos resultados perniciosos da discriminação. Foi apenas no final da adolescência, ao trabalhar na Casa de Cultura da Mulher Negra, que Djamila entrou em contato com autoras que a fizeram ter orgulho de suas raízes e não mais querer manter-se invisível. Muitos textos reagem a situações do cotidiano — o aumento da intolerância às religiões de matriz africana; os ataques a celebridades como Maju ou Serena Williams – a partir das quais Djamila destrincha vários conceitos como: empoderamento feminino ou interseccionalidade. Ela também aborda temas como os limites da mobilização nas redes sociais, as políticas de cotas raciais e as origens do feminismo negro nos Estados Unidos e no Brasil, além de discutir a obra de autoras de referência para o feminismo, como Simone de Beauvoir.

A respeito da identidade negra, Stuart Hall (2006, p. 7-8) afirma que algumas concepções parecem ser extremamente apropriadas: “[...] as identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”. Segundo o autor, as identidades são construídas de acordo com o “[...] nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (Hall, 2006, p. 7-8).

O negro, ao assumir o protagonismo de sua História, conseqüentemente irá estimular a valorização de sua literatura reconhecidamente negra, fruto de sua herança étnica, que irá despertar o orgulho nos seus pares, de narrar a sua história verdadeira, de seus antepassados. Isso nos faz acreditar nas palavras de Cuti (2010):

Os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira. [...] O sujeito étnico negro do discurso

enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro. E a memória nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais (Cutí, 2010, p. 87, 89).

O nosso País é uma nação marcada pelo não reconhecimento do papel dos negros e índios em sua História de escravização e de exclusão desses povos. Dessa forma, uma grande parcela da população, que eles representam, ficou alijada do acesso à Educação, em que a formação universitária representa, até hoje, o maior dos funis, quando comparado com os demais níveis da Educação brasileira. O cenário da Educação, no Brasil, tem sido alterado: além da ação afirmativa em prol da inclusão da cultura afro-brasileira e das práticas africanas, que influenciará na subjetividade das negras e dos negros, a Educação das relações étnico-raciais também possibilita uma transformação positiva das relações entre os diversos grupos étnicos, por meio da Educação Inclusiva.

Selva Guimarães (2019), em seu artigo “La historia enseñada a las niñas y niños en el Brasil hoy: estrategias contra el ‘peligro de la historia única’”. A autora analisa, a partir de um samba-enredo de uma escola de samba, a possibilidade do enfoque metodológico sobre a reflexão da política e da cultura em nosso País com a História revistada e sob um novo olhar, em sala de aula. O artigo apresenta uma:

Análisis sobre dimensiones de la historia enseñada a los niños y niñas brasileños (6 a 11 años) en los cinco primeros años de la enseñanza fundamental, teniendo como referencia las prescripciones curriculares de la “Base Nacional Común Curricular”, aprobada en diciembre de 2017, y los peligros de una historia única en nuestras escuelas, en el contexto político económico liberal y conservador en el plano político y cultural. Se trata de un diálogo con enfoques metodológicos que pueden favorecer la construcción de otras narrativas históricas en el aula, cultivar el debate democrático de diferentes visiones y la incorporación de diversas fuentes y lenguajes en el trabajo pedagógico. La historia, como componente curricular, desde los primeros años de escolarización tiene un papel importante para la formación de la ciudadanía y la comprensión crítica de la experiencia (Guimarães, 2009, p. 8).

Em outra obra construída por Leandro Roque de Oliveira, natural da periferia do bairro de Cachoeira, que se tornou conhecido pela sua fluidez nas batalhas das rimas improvisadas e habilidade do improviso

na arte do hip hop¹⁰ lhe deu o codinome Emicida, fusão das palavras “MC” e “homicida”. Logo depois, Emicida cria uma sigla para seu próprio codinome: Enquanto Minha Imaginação Compuser Insanidades Domino a Arte (E.M.I.C.I.D.A). O rap “Boa Esperança”¹¹ faz parte do disco “Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...” (2015), que foi produzido no período que Emicida esteve em uma viagem a Angola e Cabo Verde. Antes de esse disco ser divulgado, Boa Esperança, com sete minutos de duração de vídeo, foi a primeira música que ganhou um clipe. Foi dirigido por Katia Lund e João Wainer, lançado no youtube no dia 30 de junho de 2015 e com quase três milhões de visualizações. A trama do vídeo recria a linha “Casa Grande & Senzala”, obra do sociólogo Gilberto Freyre, publicada primeiramente em 1933 e que apresenta a formação da sociedade brasileira: dominadores (brancos e ricos) são servidos pelos dominados.

O autor transforma suas experiências e indignações em uma literatura combativa, que protesta contra as mazelas sofridas pelas pessoas menos favorecidas e, sob um viés militante, desabafam e denunciam os detalhes do cotidiano da sociedade, e também retratam o perfil de um brasileiro marginalizado. Sabemos que a identidade negra é encontrada nas estatísticas sobre a violência urbana, nos números que compõem a comunidade carcerária, no acesso desigual à Educação, à saúde, sem direito ao lazer. Dessa forma, em grande parte da periferia dos grandes centros urbanos de nosso Brasil e também no mundo, restam aos jovens negros espaços como as batalhas de rap¹² e nas danças como o samba – gênero musical brasileiro – Zamba, Pagode, Bossa Nova, Frevo, Jongo, Forró, Hip hop entre outros, o funk – gênero musical – soul music, blues e jazz (norte americano), encontrados nos bailes onde se encontram essas comunidades.

Considerações Finais

A Literatura Negro-Brasileira retrata essa realidade e busca aproximar a nossa sociedade desses discursos ou ideologias que estão por trás de

10 Entre os latino-americanos, os jamaicanos e os afro-americanos da cidade de Nova York surgiu o hip hop nos anos de 1970 e consideraram esse gênero musical como um movimento cultural. Para o criador deste movimento, Afrika Bombataa, o hip hop invoca “Paz, União e Diversão”. No dia 12 de novembro de 1973 Afrika funda a Zulu Nation e consagra esse dia como o nascimento do hip hop

11 Essa música, transformada primeiramente em vídeo e composta por Emicida (letra), J Ghetto (refrão) e Nave (beat), foi batizada com o nome de um navio negreiro no livro “A Rainha Ginga”, do angolano José Eduardo Aqualusa. LAEBER, AP Revista do SELL (on-line)2019; 8(1): 34-51 (negros e pobres), que vivenciam o desprezo e o resto de uma sociedade massacrante.

12 O rap – estilo musical nascido nos Estados Unidos, nas décadas de 1980 e 1990 -. Fonte: EMICIDA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Editora Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa551243/emicida>>. Acesso em: 03 de jun. 2023

ambas, escritas, remetendo-se, prioritariamente, para a forma pela qual a sociedade brasileira se vê e é vista, sobretudo no que diz respeito aos problemas sociais. Torna-se um instrumento indispensável para o professor em sala de aula trabalhar a Educação para as relações étnico-raciais e propiciar esses momentos de leitura não só dos clássicos, mas de outros gêneros textuais também, procurando estabelecer diálogos entre textos distintos estruturalmente, mas semelhantes quanto ao conteúdo e intenção.

Ademais, o estudo da linguagem literária, por meio do diálogo a partir de textos negro-brasileiros, poderá favorecer o autoconhecimento dos alunos negros, tendo em vista a sociedade do presente, fruto de um passado de sofrimento; o espírito de resistência; a consciência política, social e ideológica, transferindo o negro da senzala para o protagonismo étnico do discurso. Trata-se de uma construção histórica e necessária à formação docente para as Relações Étnico-Raciais com um olhar na Literatura negro-brasileira, capaz de transmitir para o negro e o não negro a consciência de seu papel em nossa sociedade. Espera-se que a pesquisa sirva de motivador para as práticas pedagógicas e metodológicas dos docentes que desejam desenvolver um trabalho consistente, a partir da leitura e do estudo do texto literário, visando ao protagonismo negro em sala de aula e na sociedade.

Referências

- BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- CELLARD, André. A análise documental. In : POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- COLELLO, Sílvia de Mattos Gasparin. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.
- EMICIDA. **Emicídio**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2010, 1 CD
- EMICIDA. Laboratório Fantasma/Sony Music, 2015, 1 CD
- EMICIDA. **O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui**. São Paulo: Editora Laboratório Fantasma, 2013, 1 CD
- EMICIDA. **Pra quem já mordeu um cachorro por comida, até que eu cheguei longe**. São Paulo: Editora Laboratório Fantasma, 2009, 1 CD
- EMICIDA. **Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa**. São Paulo: laboratório Fantasma/Sony Music, 2015, 1 CD
- EVARISTO, **Conceição**. Literatura negra. Rio de Janeiro: Editora CEAP, 2007.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e**

- afrodescendência no Brasil:** antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- GOMES, Joaquim. B. Barbosa. **Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade:** o direito como instrumento de transformação social. A experiência dos EUA. Rio de Janeiro: Editora Renovar, 2001, p. 6-7.
- GUIMARÃES, Selva. F. **Fazer e ensinar história.** Belo Horizonte: Editora Dimensão, 2009, 296 p.
- GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História.** Campinas: Papyrus Editora, 2010.
- LIMA, Maria Nazaré Mota de. Identidades e Cultura afro-brasileira: a formação de professoras na escola e na universidade. **Tese** (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Bahia, 2007.
- LÜCK, Heloísa. Perspectivas da gestão escolar e implicações quanto à formação de seus gestores. **Em aberto.** Vol. 17, n. 72, 2000.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MUNANGA, Kabengele. Aprender, ensinar e relações raciais no Brasil. **Educação,** Porto Alegre: ano XXX, n. 3, p. 489-506, set. /dez.007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/2745/2092>>. Acesso em: jan. 2020.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Editora Global/Ação Educativa, 2006.
- SILVA, Luiz. (Cuti). (Org.) **E disse o velho militante José Correia Leite.** São Paulo: Editora Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- SILVA, Luiz. (Cuti). **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Editora Selo Negro Edições, 2010.
- SOUZA, Neusa. Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2.ed. Rio de Janeiro. Editora Graal. 1983.

Submetido Março/2024

Publicado Abril/2024